

# **Respondendo as três perguntas para se fazer a um espírita sobre mediunidade**

**"Nem tudo que reluz é ouro."  
(William Shakespeare)**

Lemos o artigo que leva o título de “Três perguntas para se fazer a um kardecista sobre mediunidade”, assinado pelo Pastor Eguinaldo Hélio de Souza no site CACP, no link (<http://www.cacp.org.br/tres-perguntas-para-se-fazer-a-um-kardecista-sobre-mediunidade/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que ele expõe e daremos nossa contra-argumentação.

Percebemos que o estimado Pastor retrata em três questionamentos básicos no afã de pretender acreditar que não há resposta para eles, mas antes de adentrar na análise da primeira pergunta, devemos fazer uma correção, pois não há espírita kardecista, existe apenas espírita. Vejamos o primeiro questionamento e as suas considerações.

**1. Você sabia que é perigoso entrar em contatos com espíritos?** As pessoas que entram em contato com espíritos através dos médiuns, não têm como saber o verdadeiro caráter dessas entidades. Elas supõem que sejam do bem, porque acreditam que eles estão falando a verdade. Mas se eles forem do mal, com certeza estarão mentido. Sendo assim, estão correndo um enorme risco. O próprio Alan Kardec concordou com isto: Assim, se um espírito se comunica com o nome de São Pedro, por exemplo, não há mais nada que prove que seja exatamente o apóstolo desse nome. Pode ser um espírito do mesmo nível, por ele enviado (“O Que É o Espiritismo”, p. 318. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985). (Destaques nossos).

Esses espíritos levianos pululam ao nosso redor, e aproveitam todas as ocasiões para se imiscuírem nas comunicações; a verdade é a menor de suas preocupações, eis porque eles sentem um prazer maligno em mistificar aqueles que têm fraqueza, e algumas vezes a presunção de acreditar neles, sem discussão (“O Livro dos Médiuns”, p. 402. Editora Opus Ltda., 2ª edição especial, 1985).

Após um exame apurado, desatando as viseiras da alma, a verdade salta aos olhos, quando percebemos o que Kardec transmitiu e o estimado pastor, sabiamente, omitiu. Vejamos na íntegra o que Kardec nos recomenda na primeira obra citada, “O que é o Espiritismo”.

## **Identidade dos Espíritos**

**93** - Uma vez que se encontram entre os Espíritos todos os defeitos da Humanidade, aí se encontram também a astúcia e a mentira; há os que não têm nenhum escrúpulo em se ornamentarem com nomes os mais respeitáveis para inspirarem mais confiança. É preciso, pois, abster-se de crer, de uma

maneira absoluta, na autenticidade de todas as assinaturas.

**94** - A identidade é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático; frequentemente, ela é impossível de se constatar, sobretudo quando se trata de Espíritos superiores, antigos em relação a nós. Entre aqueles que se manifestam, muitos não têm nome para nós e, para fixar nossas ideias, eles podem tomar o de um Espírito conhecido pertencente à mesma categoria, de tal sorte que, **se um Espírito se comunica com o nome de São Pedro, por exemplo, nada prova que ele seja precisamente o apóstolo desse nome; pode ser ele, como pode ser um Espírito da mesma ordem, enviado por ele.**

A questão da identidade, nesse caso, é por todos os títulos secundária, e haveria puerilidade a isso ligar importância. O que importa é a natureza do ensinamento, se é bom ou mau, digno ou indigno do personagem do qual leva o nome. Este o aprovaria ou o condenaria? Aí está toda a questão.

**95** - A identidade é mais fácil de se constatar quando se trata de Espíritos contemporâneos, dos quais se conhece o caráter e os hábitos, porque é por esses mesmos hábitos e particularidades da vida privada que a identidade se revela mais seguramente e, frequentemente, de uma maneira incontestável. Quando se evoca um parente ou um amigo, é a personalidade que interessa, e é muito natural procurar constatar-se a identidade; mas os meios que empregam, geralmente, para isso, aqueles que não conhecem senão imperfeitamente o Espiritismo, são insuficientes e podem induzir ao erro.

**96** - O Espírito revela sua identidade por uma multidão de circunstâncias que ressaltam das comunicações, onde se refletem seus hábitos, seu caráter, sua linguagem e até suas locuções familiares. Ela se revela ainda pelos detalhes íntimos, nos quais ele entra espontaneamente com as pessoas às quais se afeiçoa, e que são os melhores. Mas é muito raro que ele satisfaça as questões diretas que lhe são dirigidas a esse respeito, sobretudo se elas são feitas por pessoas que lhe são indiferentes, com um objetivo de curiosidade e de prova. O Espírito prova sua identidade como quer, ou como pode, segundo o gênero de faculdade do seu intérprete, e, frequentemente, essas provas são superabundantes. O errado é querer que ele as dê à maneira do evocador; é quando ele se recusa a se submeter às suas exigências. (O Livro dos Médiuns, cap. XXIV: Identidade dos Espíritos; Revista Espírita, 1862, pág. 82: Fatos da identidade). (KARDE, A. O que é o Espiritismo, Capítulo II, Noções Elementares de Espiritismo, Identidade dos Espíritos) (grifo nosso).

A parte destacada da obra “O que é o Espiritismo”, Kardec nos orienta que os espíritos superiores podem, a nossa evocação, enviar outro de mesma categoria e que através do teor de sua comunicação, seria o mesmo que este estivesse se comunicando. Outro ponto a salientar é que o estimado pastor omitiu toda a passagem que nos mostra de forma inequívoca que as comunicações não têm que ser julgadas pelos vultosos nomes as que assinam, mas principalmente pelo conteúdo das mensagens. Mais adiante, o pastor vai diretamente à obra “O Livro dos Médiuns”, tentando fazer um paralelo entre as obras e levar os prezados leitores ao erro. Vejamos novamente, na íntegra, a passagem sabiamente omitida.

### **Da Natureza das Comunicações**

**133.** Dissemos que todo efeito, que revela, na sua causalidade, um ato, ainda que insignificantiíssimo, de livre vontade, atesta, por essa circunstância, a

existência de uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa, que responda ao nosso pensamento, ou manifeste caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se a isso houvesse de ficar circunscrito o resultado, só muito secundário interesse nos despertaria. Contudo, já seria alguma coisa o dar-nos a prova de que, em tais fenômenos, há mais do que uma ação puramente material. Nula, ou, pelo menos, muito restrita seria a utilidade prática que daí decorreria. O caso, porém, muda inteiramente de figura, quando essa inteligência ganha um desenvolvimento tal, que permite regular e contínua troca de ideias. Já não há então simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras comunicações. Os meios de que hoje dispomos permitem que as obtenhamos tão extensas, tão explícitas e tão rápidas, como as que mantemos com os homens.

Quem estiver bem compenetrado, segundo a escala espírita ("O Livro dos Espíritos", n. 100), da variedade infinita que apresentam os Espíritos, sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, facilmente se convencerá de que há de haver diferença entre as suas comunicações; que estas não de refletir a elevação, ou a baixeza de suas ideias, o saber e a ignorância deles, seus vícios e suas virtudes; que, numa palavra, elas não se hão de assemelhar mais do que as dos homens, desde os selvagens até o mais ilustrado europeu. Em quatro categorias principais se podem agrupar os matizes que apresentam. Segundo seus caracteres mais acentuados, elas se dividem em: grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.

#### **Comunicações grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas**

**134.** Comunicações grosseiras são as concebidas em termos que chocam o decoro. Só podem provir de Espíritos de baixa estofa, ainda cobertos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que provenham de homens viciosos e grosseiros. Repugnam a quem quer que não seja inteiramente baldo de toda a delicadeza de sentimentos, pela razão de que, acordamente com o caráter dos Espíritos, elas serão triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias.

**135.** As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros, ou brincalhões, antes maliciosos do que maus, e que nenhuma importância ligam ao que dizem. Como nada de indecoroso encerram, essas comunicações agradam a certas pessoas, que com elas se divertem, porque encontram prazer nas confabulações fúteis, em que muito se fala para nada dizer. Tais Espíritos saem-se às vezes com tiradas espirituosas e mordazes e, por entre facécias vulgares, dizem não raro duras verdades, que quase sempre ferem com justeza. **Em torno de nós pululam os Espíritos levianos, que de todas as ocasiões aproveitam para se intrometerem nas comunicações. A verdade é o que menos os preocupa; daí o maligno encanto que acham em mistificar os que têm a fraqueza e mesmo a presunção de neles crer sob palavra.** As pessoas que se comprazem nesse gênero de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e falaciosos. Delas se afastam os Espíritos sérios, do mesmo modo que na sociedade humana os homens sérios evitam a companhia dos doidivasas.

**136.** As comunicações sérias são ponderosas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação que, isenta de frivolidade e de grosseria, objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, é, por esse simples fato, uma comunicação séria. Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa-fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.

No tocante a comunicações sérias, cumpre se distingam as verdadeiras das falsas, o que nem sempre é fácil, porquanto, exatamente à sombra da elevação da linguagem, é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudo-sábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas idéias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fazerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esse um dos maiores escolhos da ciência prática; dele trataremos mais adiante, com todos os desenvolvimentos que tão importante assunto reclama, ao mesmo tempo que daremos a conhecer os meios de premonição contra o perigo das falsas comunicações.

**137.** *Instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. Para se retirarem frutos reais dessas comunicações, preciso é que elas sejam regulares e continuadas com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam aos que desejam instruir-se e lhes secundam os esforços, deixando aos Espíritos levianos a tarefa de divertirem os que em tais manifestações só vêem passageira distração. Unicamente pela regularidade e freqüência daquelas comunicações se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos que as dão e a confiança que eles merecem. Se, para julgar os homens, se necessita de experiência, muito mais ainda é esta necessária, para se julgarem os Espíritos.*

*Qualificando de instrutivas as comunicações, supomo-las verdadeiras, pois o que não for verdadeiro não pode ser instrutivo, ainda que dito na mais imponente linguagem. Nessa categoria, não podemos, conseguintemente, incluir certos ensinamentos que de sério apenas têm a forma, muitas vezes empolada e enfática, com que os Espíritos que os ditam, mais presunçosos do que instruídos, contam iludir os que os recebem. Mas, não podendo suprir a substância que lhes falta, são incapazes de sustentar por muito tempo o papel que procuram desempenhar. A breve trecho, traem-se, pondo a nu a sua fraqueza, desde que alguma sequência tenham os seus ditados, ou que eles sejam levados aos seus últimos redutos.*

**138.** *São variadíssimos os meios de comunicação. Atuando sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, podem os Espíritos manifestar-se à nossa visão, por meio das aparições; ao nosso tato, por impressões tangíveis, visíveis ou ocultas; à audição pelos ruídos; ao olfato por meio de odores sem causa conhecida. Este último modo de manifestação, se bem muito real, é, incontestavelmente, o mais incerto, pelas múltiplas causas que podem induzir em erro. Daí o nos não demorarmos em tratar dele. O que devemos examinar com cuidado são os diversos meios de se obterem comunicações, isto é, uma permuta regular e continuada de pensamentos. Esses meios são: as pancadas, a palavra e a escrita. Estudá-los-emos em capítulos especiais. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, Capítulo X, Da Natureza das Comunicações) (grifo nosso).*

A parte destacada do item 135 foi citada pelo pastor e como podemos verificar, Kardec está relatando o teor das comunicações frívolas que sabemos não estar isento nas comunicações. Contudo, segundo Kardec, temos também as comunicações realizadas de cunho moral elevado e de origem dos espíritos superiores que nos assistem. Assim, percebemos que a montagem realizada pelo pastor em ambas as passagens nas duas obras citadas, rearranjadas com o intuito de levar os leitores ao erro. Daí, percebemos a intenção que motivou o pastor, já que este se preocupou apenas em detrair e difamar o espiritismo.

Partindo deste axioma, e diante do questionamento do pastor de que é perigoso entrar em contato com os espíritos, percebemos que pelo teor das

comunicações é que poderemos julgar se estas são de cunho sério e moral, ou se são comunicações frívolas, já que o mundo imaterial não está isento disso ocorrer, assim como asseverou Kardec. O que podemos concluir que o único perigo constatado é o de consultar pastores para orientar o que é o espiritismo, pois estes vêm sempre armados pelo atavismo em detrimento da sã doutrina dos espíritos.

Passemos então para o segundo questionamento do estimado pastor e seus comentários.

**2. Você sabia que entrar em contato com espíritos foi considerado uma abominação?** Nenhum livro sagrado de outras religiões proíbe o contato com espírito dos mortos. A Bíblia proíbe. Usar a Bíblia para justificar aquilo que ela proíbe é uma contradição. Nas Escrituras, invocação de mortos é continuamente condenado: Entre ti se não achará quem... quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; (Dt 18.10-12)

Como poderia a Bíblia condenar a comunicação com os mortos se Jesus se comunicou com os espíritos gloriosos de Moisés e Elias no monte Tabor, na presença de Pedro, João e Tiago (**Mt 17:1-13**)? Como resolver tal impasse? É simples, o que Moisés condenou foram justamente às comunicações frívolas, sem a intenção da caridade, o que o mesmo Kardec nos alerta para tais comunicações, assim como verificamos na primeira pergunta já analisada. Ademais, julgamos oportuno que o estimado pastor e os prezados leitores possam conferir o nosso texto "[A Comunicação com os mortos na Bíblia](#)" para maiores esclarecimentos, onde abordamos de forma mais abrangente, clara e inequívoca do teor das comunicações frívolas e sérias, separando assim o joio do trigo. O que definimos que pululam e se atropelam são os arranjos realizados pelos líderes religiosos que tendem a entrar em detrimento do espiritismo para assim sobressair as suas crenças, pois nada melhor tem condições de oferecer, restando assim, apenas ataques que bem analisados, são meramente infundados.

Esclarecido mais este ponto no segundo questionamento, iremos então passar adiante para o terceiro questionamento e em seguida ao desfecho do artigo do estimado pastor.

**3. Você sabia que a prática mediúnica é uma impossibilidade?** E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo. (Hebreus 9.27). E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com 31 eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos volte à vida. (Lucas 16.27-31)

O que achamos engaçado neste terceiro questionamento é que ele se auto anula com o segundo, pois de um lado temos Moisés proibindo as comunicações frívolas, devido ao contato dos hebreus com as práticas divinatórias egípcias no reinado de Ramsés II, de outro lado o estimado pastor está nos dizendo que é impossível de ocorrer, citando Hb 9:27 e Lc 16:27-31? Como poderia Moisés proibir algo que não existe, segundo o pastor? Sabemos a resposta e esta é que a lógica nos

demonstra que é impossível harmonizar o segundo e terceiro questionamento.

Ademais, sugerimos ao estimado pastor e demais leitores o nosso texto "[Os fenômenos mediúnicos contidos na Bíblia](#)", a fim de que esclarecessem a maioria dos fenômenos e se algo veio a faltar em nossa abordagem, estaremos dispostos a revisar o nosso trabalho. Igualmente, o estimado pastor cita Hb 9:27 e Lc 16:27-31. Perguntamos, o que tem a ver com mediunidade a passagem de Hb 9:27? Nada! O que muitos defendem é que não há a reencarnação diante desta passagem e perguntamos novamente, o que tem a ver reencarnação como mediunidade? Parece que o estimado pastor está falando algo que desconhece e pior, trás a referência de um texto que não tem nada a ver com o objetivo dele em negar!

Ainda dentro desta análise, perscrutando Hb 9:27, sabemos que a passagem nos remete a "morrerem uma vez" e não a "viverem uma vez". Se para ajustar o texto em negação da reencarnação, deveria se alterar o sentido já exposto, mas em relação à mediunidade, não tem nada a ver. Passemos então a passagem de Lc 16:27-31. Bom, aqui entendemos que a citação do texto tem a ver que é impossível a comunicação entre os mortos e vivos. Como poderia então Moisés proibir algo que não ocorre? Choca-se novamente a segunda pergunta com a terceira. No entanto, a parábola do rico e Lázaro na visão espírita aponta a sobrevivência da alma após a morte, o mérito e demérito que nos levam ao umbral ou ao encontro com entes queridos após a morte, assim como Jesus disse que "a cada um segundo as suas obras". Recomendamos o estudo do texto de nosso confrade Paulo Neto "[A parábola do rico e Lázaro na visão espírita](#)". Parafraseando Paulo Neto:

*"Interessante é que Abraão não disse que não havia possibilidade de Lázaro avisar aos irmãos do rico, o que comprovaria não existir a comunicação entre os vivos e os mortos. Em sua resposta, ele, na verdade, afirma da inutilidade de tal coisa, pois como os irmãos do rico não ouviam os vivos, no caso, Moisés e os profetas, muito menos ouviriam os mortos. Fato incontestável é que isso, inclusive, acontece até nos dias de hoje, onde se vê uma grande maioria de crentes que não acredita no que os espíritos dizem, provando, portanto, que Abraão estava coberto de razão".*

Finalizamos os nossos esclarecimentos às perguntas lançadas pelo Pastor Eguinaldo Hélio de Souza e por mais culto que ele seja, demonstrou em seu artigo um completo desconhecimento do que é a mediunidade e um arranjo desastrado entre as obras "O que é o Espiritismo" e "O Livro dos Médiuns" com o objetivo de levar os leitores ao erro. O que demonstramos, é o equívoco do pastor e as respostas que cabiam aos seus questionamentos.

Thiago Toscano Ferrari  
Julho / 2012

---

#### **Referências bibliográficas:**

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.  
KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.

Textos sugeridos:

["O diálogo entre Jesus e Nicodemos"](#), ["A Comunicação com os mortos na Bíblia"](#), ["Os fenômenos mediúnicos contidos na Bíblia"](#) e ["A parábola do rico e Lázaro na visão espírita"](#).